

álvaro pereira

OPMDB se recicla

A surpreendente vitória do senador Mário Covas sobre o deputado Luis Henrique, na disputa pela liderança do PMDB na Constituinte, deflagrou um importante processo de discussão interna no maior partido político brasileiro. Desde as últimas eleições, quando elegeu 22 governadores e 305 constituintes, o PMDB vinha assumindo uma postura imobilista que limitava a sua atuação no Congresso e comprometia o nível das suas relações com o governo. Faltava-lhe, na verdade, uma liderança mais firme ou pelo menos mais disponível, em condições de garantir-lhe o espaço e o prestígio que merece como força majoritária no novo Congresso Constituinte.

Já era possível sentir, nos dias que se seguiram à eleição do senador Mário Covas, uma mudança significativa no comportamento dos principais líderes do partido, a começar pelo presidente da Câmara, do PMDB e da Constituinte, deputado Ulysses Guimarães. O "grande timoneiro", responsável pela condução da luta de resistência democrática ao autoritarismo, entendeu rapidamente o recado das urnas e tratou de incorporar ao seu grupo a liderança nova que surgia. Revelando suas qualidades de político habilidoso, que sabe se esquivar diante dos obstáculos, Ulysses Guimarães recebeu com humildade e naturalidade as críticas ao seu estilo centralizador, que resistiu sempre à idéia de delegar funções ou responsabilidades. E, recobrando-se do subitaneísmo, dizia que "aquilo que foi útil ao meu partido e ao país terá o meu assentimento e até a minha iniciativa".

Entre os simpatizantes do novo líder Mário Covas, houve quem identificasse, na declaração ambígua do deputado Ulysses Guimarães, a disposição de deixar a presidência do PMDB para se dedicar exclusivamente às suas funções de presidente da Câmara e da Constituinte. Seria um afastamento provisório, para o qual assumisse internamente alguma liderança sem a mesma dimensão, mas com maior disponibilidade. O gesto de desreendimento de Ulysses Guimarães seria uma iniciativa concreta no sentido de imprimir um novo estilo, mais aberto e democrático, ao comando das ações partidárias.

Entendem os principais articuladores da candidatura Covas que este novo estilo precisa se fazer sentir, desde já, nas posições que o partido passará a defender na Constituinte. Um desses articuladores, o ex-governador e agora senador José Richa, do Paraná, explica que será preciso sintonizar a ação do PMDB nas diversas comissões temáticas que começam a ser constituídas, de forma a manter uma linha de coerência com as teses defendidas no programa partidário. O que se pretende é preservar a atuação do PMDB enquanto partido, acima dos interesses individuais ou de grupos, que assumem especial relevância durante o trabalho constituinte.

Por esse raciocínio, os representantes do PMDB deveriam levantar os temas mais polêmicos, nas diversas comissões, para submetê-los à apreciação de toda a bancada peemedebista. Destacam-se, como temas considerados "polêmicos", aqueles referentes à Ordem Econômica e Social (participação do Estado na Economia, função social da propriedade, reforma urbana, reforma agrária), à Organização dos Poderes (Executivo, Legislativo, Judiciário) e à Organização do Sistema Eleitoral (voto distrital, etc.). Todos esses temas deveriam ser apurados previamente pela bancada, a fim de se evitar a divisão do partido nas votações da Constituinte.

Observa o senador José Richa que o debate em torno da duração do mandato do presidente Sarney deveria ser deixado para depois, por envolver um tema que tem a desvantagem de ser polêmico sem ser importante. O PMDB está dividido entre aqueles que defendem mandatos de quatro, cinco e até seis anos — e por isso, o mais conveniente seria adiar o debate para o segundo semestre, quando os constituintes começarem a escrever as "disposições transitórias" da futura Constituição. O argumento usado pelo próprio presidente Sarney, para pedir a definição urgente da duração de seu mandato, é o de que o governo precisa negociar numa posição de força com os credores da nossa dívida externa. Mas o senador José Richa acredita que os credores estão menos preocupados com a duração do mandato — de resto, já fixado em seis anos — e mais com as condições internas de estabilidade política.

Por último, é de se esperar que a eleição do senador Mário Covas altere também o nível das relações do PMDB com o governo. O surgimento de um novo pólo de liderança restabelece o equilíbrio político interno, perdido desde a morte do presidente Tancredo Neves, e cria novos canais de comunicação entre o governo e o partido. Até agora, o único canal de comunicação chamava-se Ulysses Guimarães — e bastava ao presidente Sarney conversar com ele para concluir que estava se entendendo com todo o PMDB. Hoje, a posição do presidente será facilitada ou dificultada pela necessidade de se ouvir os diversos setores representativos do partido. A relação vai se tornar mais complexa, porém, mais democrática.

Reforma do Ministério

A possível indicação do mineiro Aníbal Teixeira para a Secretaria do Planejamento, em substituição ao ministro João Sayad, é facilitada pela posição do governador de São Paulo, Orestes Quércia. Revivendo a velha política do café com leite, o governador Quércia concorda em apoiar a indicação de Aníbal Teixeira, desde que o Ministério da Indústria e do Comércio fique com um paulista. E, de preferência, com um paulista amigo do governador, o deputado Ralf Biasi.

Tema no Alvorada foi a mudança nos Ministérios

Entre mais de 450 convidados do presidente José Sarney para a recepção de sexta-feira passada no Palácio da Alvorada, um entrou muito alegre e saiu ainda mais satisfeito — o deputado paulista Ralf Biasi, apontado como o candidato preferencial do governador Orestes Quércia, de São Paulo, para uma vaga no Ministério. Biasi chegou falando que nada sabia e apenas tomava conhecimento, através da imprensa, acerca de sua provável convocação pelo presidente Sarney. Na saída, ficaria calado, pois a maior parte das conversas, principalmente da bancada paulista, dava conta de sua ida para o Ministério de Indústria e do Comércio.

Parlamentares presentes à reunião confirmam essas conversas, acrescentando que a indicação de Ralf Biasi vai implicar na transferência de José Hugo Castelo Branco para uma embaixada na Europa. Com isso, o Presidente atenderia à solicitação do governador Orestes Quércia e ficaria em condições de promover a outra inclusão, agora de um mineiro.

Esse mineiro é o atual secretário de Ação Comunitária, Aníbal Teixeira, apontado como o substituto do recém saído ministro João Sayad. Aníbal tem a força do governador Newton Cardoso e a amizade do presidente José Sarney, além de um trabalho considerado bom à frente da Seac. Durante a recepção, a bancada mineira voltou a insistir na tese de acerto entre Sarney e o governador Newton Cardoso, que garante a presença de Aníbal Teixeira no ministério.

Covas

A chegada do líder do PMDB na Constituinte, Mário Covas (SP), foi um momento importante na recepção de Sarney. De acordo com participantes, até o último momento o presidente resolveu ficar na entrada do salão, esperando as lideranças. Quando Carlos Santana e Fernando Henrique chegaram, o presidente teve mais tranquilidade, mas ainda aguardava a chegada de Covas, com quem estivera pouco tempo antes, no Planalto.

Especulações

Enquanto Sarney, Ulysses, Luiz Henrique, Fernando Henrique e Carlos Santana recebiam os convidados, o tema geral era a ausência de Covas, e muitas especulações quanto à sua ausência. Para tranquilidade do ambiente, já quase às 22 horas, surge o senador, acompanhado da esposa e do também José Richa.

Depois da chegada do líder, Sarney resolveu aproveitar o momento e conversou bastante, não apenas com Covas, mas com Fernando Henrique e Dilton Funaro.



Quem é Ralf Biasi

Engenheiro, o deputado Ralf Biasi, 39 anos, adquiriu seus conhecimentos de economia em uma escola singular: a Comissão de Economia, Indústria e Comércio da Câmara dos Deputados. Desde que se elegeu parlamentar, em 1978, escolheu essa comissão como seu principal campo de atuação no Congresso Nacional, chegando a presidenci-la por duas vezes. Formado em engenharia pela Universidade de São Paulo, em São Carlos, entrou na iniciativa privada, tendo exercido cargos de direção em várias construtoras. Em 1972, aos 26 anos, foi eleito prefeito de Americana, município paulista com forte indústria de calçados. Em seguida, elegeu-se por três vezes consecutivas deputado federal.

Na Câmara, Ralf Biasi, que sempre foi muito ligado ao governador Orestes Quércia, dedicou-se também à desobstrução de canais para a reaproximação entre Brasil e Cuba. Para tratar desta questão, sempre utilizando argumentos pragmáticos como o estabelecimento de relações comerciais entre os dois países, esteve diversas vezes no Itamarati e conversou reservadamente com o general Golbery do Couto Silva, então todo-poderoso chefe do Gabinete Civil da Presidência.

É tido como um político independente, alinhando-se alternadamente a moderados e progressistas. Nunca se furtou a conversar com adversários durante o regime militar, mesmo quando isto era um verdadeiro tabu dentro de seu próprio partido. Isto lhe valeu algumas situações constrangedoras, como ter sido relacionado entre os prováveis malufistas do PMDB.

Biasi é o típico queista — político do interior, pragmático, aparência moderna. Enfim, confirmada a sua escolha para o ministério Sarney, será o representante dos chamados "caipiras sofisticados" do interior paulista, frutos da ascensão econômica desta região nos últimos anos.



Sarney quis o encontro para articular mudanças e apoios

Odeslumbramento dos novos

O luxo e a beleza arquitetônica do Palácio da Alvorada ainda se constituem em fator de deslumbramento, não apenas para os comuns, mas também para os que permanecem em Brasília com a finalidade de representar o povo. Não foi à toa que o presidente José Sarney falou na emoção da deputada Márcia Kubitschek em voltar ao Palácio e ver imagens de mais de 20 anos, quando ali morava.

Não apenas Márcia ficou emocionada. Os novos parlamentares, principalmente suas mulheres, deixavam notar o quanto tinham se preparado para ir ao Alvorada. Os cabelos preparados, os vestidos e jóias exibidos ostensivamente pelas mulheres, e até o impecável e despropósito smoking do deputado Chagas Neto, de Rondônia, além das atitudes de espanto na saudação ao presidente e o desfilar de carros chamaram a atenção.

Repórteres, seguranças e familiares dos deputados se postavam para ver e comentar as atitudes e as roupas dos que

chegavam. Quando a deputada Rita Camata (ES) chegou, por exemplo, o grande comentário foi a ausência do seu marido e senador Gerson Camata, embora entre as mulheres todas destacassem a elegância do vestido. Mais tarde, parecendo combinação, outras deputadas chegaram desacompanhadas como Ana Maria Rates e Márcia Kubitschek.

A televisão e o último capítulo de "Roda de Fogo" também marcaram presença na recepção. Enquanto chegavam parlamentares, o monitor da Rede Globo estava sintonizado na novela e mereceu uma rápida visita de alguns parlamentares, como do senador Severo Gomes, que imediatamente foi chamar sua mulher para assistir um pouco das aventuras de Renato Vilar.

Para não ficar a impressão de que tudo correu conforme o figurino do cerimonial, logo no início alguns copos caíram e quebraram, isso depois que o alarme de um dos muitos carros disparou e permaneceu vários minutos buzinando.

Aníbal nega convite mas está preparado

São Paulo — Embora negasse que tenha recebido qualquer convite do presidente da República, o atual secretário especial de Ação Comunitária, Aníbal Teixeira garantiu ontem que está preparado para assumir o cargo o que considerou um "grande desafio".

— Não vou formular hipótese — disse ele — referindo-se o fato de ainda não ter recebido uma proposta concreta mas estou preparado. Tenho realmente uma militância, fiz o plano do governo Juscelino Kubitschek e já tenho uma grande experiência em projetos industriais. Mas para isso acho que muitos brasileiros estão preparados.

Aníbal Teixeira, que participou ao lado do presidente José Sarney e do governador Orestes Quércia da homenagem às associações comunitárias que têm contribuído para o programa de distribuição gratuita de leite à população carente em seu primeiro ano de vida, deixou claro uma coisa: — Se for convidado aceito. Será uma honra muito grande ressaltou acrescentando que talvez o seu

nome esteja sendo cotado pela imprensa por causa da sua grande proximidade com o presidente Sarney.

Sobre a atual situação econômica brasileira Aníbal Teixeira disse que tem "alguns tropeços", fruto do peso da dívida externa e do problema da inflação. ele afirmou, porém, que acredita na grande potencialidade do país e vê o futuro com otimismo.

— Nós temos hoje uma safra agrícola de 60 milhões de grãos, além de muita coisa que serve como ponto de referência. Eu sou, nesse ponto, adepto de Juscelino Kubitschek, do seu otimismo e graças a Deus, trabalho hoje com o presidente e Sarney que é também um otimista, um homem que confia no futuro do Brasil — acrescentou.

Ele não quis falar sobre a demissão do ministro do Planejamento João Sayad, mas disse ter por ele uma grande admiração principalmente porque em seu cargo, contrariando a tradição brasileira, ele deu o maior apoio aos programas sociais do governo.

Newton não quer perder Seac

Belo Horizonte — Minas terá o Ministério do Planejamento e não perderá a Secretaria Especial de Ação Comunitária. A afirmação foi feita ontem pelo governador Newton Cardoso, ao embarcar para a cidade de Apatzingá, a 230 km de Belo Horizonte, onde participava da festa de aniversário do senador Alfredo Campos. Cardoso confirmou o nome do secretário Aníbal Teixeira para o lugar do ministro João Sayad e disse que ainda não escolheu um nome para indicar para a Seac.

O senador Ronan Tito, que viajou em companhia do governador comentou que "Minas precisava ter essa presença no

governo federal, e que os políticos mineiros estão cotando os lugares que são devidos".

Antes de embarcar, o governador Newton Cardoso assinou no capô do carro — a maneira de Juscelino Kubitschek — um convênio repassando C\$ 30 milhões à Coordenadoria de Defesa Civil (Cedec), para amenizar a situação de 43 municípios do norte do estado flagelados pela seca. Segundo informações do Cedec, a situação é grave em Pedra Azul e Espinosa, com a mortandade dos rebanhos, e em Capitão Enéas já não existe água potável. O convênio repassa também C\$ 1,2 bilhão para crédito rural a juros subsidiados.

Covas confirma: decisão da vice só em plenário

O líder do PMDB na Constituinte, senador Mário Covas (SP), admitiu ontem que não conseguiu chegar a um acordo com o líder do PFL, deputado José Lourenço (BA), para a escolha do 1º vice-presidente da Assembleia Nacional Constituinte e, por isso, a solução será a disputa pelo voto, em plenário. A eleição dos dois vice-presidentes, dos três secretários e dos três suplentes será realizada na quinta-feira.

"Nós não vamos fazer uma Constituição por consenso, vamos votar muitas coisas. O voto é uma instituição democrática. Portanto, não significa que, em nível nacional, a aliança entre o PMDB e PFL venha a se abalar pela disputa", afirmou. Argumentou

que a 1ª vice-presidência da Constituinte deve ficar com o PMDB por uma questão de proporcionalidade da bancada e de "tradição da casa".

O senador Mário Covas passou o dia, ontem, no gabinete do diretor-geral do Centro de Processamento de Dados do Senado (Prodasen) Sérgio Ottero, pensando para os computadores o resultado do questionário respondido por todos os constituintes do PMDB sobre suas preferências nas comissões temáticas. "Isto aqui é um verdadeiro quebra-cabeças, pois a maioria quer participar das comissões de ordem econômica e social e da grande comissão de sistematização", disse.

Reforma vai ser parcial mas não tem data ainda

A reforma ministerial que já começou a ser traçada pelo presidente da República para ajustar seu gabinete à nova realidade política, será parcial, Sarney não pretende trocar todos os ministros, porque muitos deles continuam merecendo não apenas a confiança do Presidente, mas ainda vêm desempenhando suas obrigações a contento. A data da mudança não está marcada e qualquer tentativa de estabelecer, desde já os nomes dos novos ministros, é especulação.

O quadro ainda permanece indefinido e nem mesmo os mais íntimos colaboradores do Presidente arriscam seus palpites. A decisão vai depender não apenas da confiança do Presidente, mas das pressões políticas e dos setores interessados em substituir este ou aquele ministro. A única área a permanecer intocável, a exemplo da reforma ocorrida em fevereiro do ano passado, será a área militar. Permanecem ministros o chefe do Gabinete Militar, general Bayma Denys, o ministro da Aeronáutica, brigadeiro Moreira Lima, da Marinha, almirante Henrique Sabóia e o ministro-chefe do Estado Maior das Forças Armadas, general Paulo Campos Paiva.

Segunda alteração

Esta é a segunda grande mudança ministerial promovida pelo presidente Sarney. Em fevereiro do ano passado, o presidente da República substituiu 19 ministros de Estado, permanecendo nos seus postos, além dos ministros militares, os titulares das Minas e Energia, Aureliano Chaves, das Comunicações, Antônio Carlos Magalhães, da Ciência e Tecnologia, Renato Archer, do Interior, Costa Couto, da Administração, Aluizio Alves, do Trabalho, Almir Pazzianotto e do Planejamento (demitido na última terça-feira), João Sayad. Antes dessa reforma, entretanto, houve a substituição do ministro da Fazenda, Francisco Dornelles, e agosto de 1985, pelo ministro Dilton Funaro. E, depois da mudança de fevereiro, deixou também o gabinete o ministro da Reforma Agrária, Nelson Ribeiro, substituído pelo prefeito de Cuaiabá, Dante de Oliveira, em maio do ano passado.

Para quem não se lembra do gabinete original de Tancredo Neves, ele era integrado pelos seguintes ministros: Gabinete Civil, José Hugo Castelo Branco, substituído por Marco Maciel na reforma de fevereiro de 86; Educação, Marco Maciel, substituído por Jorge Bornhausen; Saúde, Carlos Santana, que foi se candidatar a deputado federal pela Bahia, deixando o lugar para outro baiano, o ministro Roberto Santos; Indústria e Comércio, Roberto Gusmão, substituído por José Hugo Castelo Branco para acomodar a bancada mineira; Justiça, Fernando Lyra, em franca oposição ao Presidente, deixou o lugar para Paulo Brossard; Reforma Agrária, Nelson Ribeiro, que depois das pressões, entregou sua carta de demissão em maio do ano passado e em seu lugar assumiu Dante de Oliveira. Ribeiro deveria ter sido substituído na reforma de fevereiro, chegou inclusive a ser comunicado do fato pelo ex-governador do Paraná, Jader Barbalho e, quando fazia suas despedidas, foi reconvoado. Houve pressões da Igreja para sua permanência.

Integravam ainda o gabinete original de Tancredo Neves os ministros das Relações Exteriores, o banqueiro Olavo Setúbal, que deixou o Itamarati para fazer a campanha do empresário Antônio Ermirio de Moraes e em seu lugar foi escolhido o empresário Abreu Sodré. O Ministério da Cultura foi ocupado por José Aparecido (escolhido por Tancredo), que depois assumiu o governo do Distrito Federal, abrindo vaga para outro mineiro, Aloísio Pimenta, substituído pelo economista Celso Furtado; Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente, teve como primeiro titular o goiano Flávio Peixoto e depois, o paranaense Deni Schwartz; Transportes, ocupado por A.fonso Camargo, que deixou a pasta para se candidatar ao Senado, pelo Paraná e foi substituído por José Reinaldo Tavares. Previdência Social mudou de Waldir Pires, hoje governador da Bahia para Raphael de Almeida Magalhães e, Agricultura, de Pedro Simon, hoje governador do Rio Grande do Sul, para Iris Rezende, que deixou o governo de Goiás para assumir a pasta.



Brossard só sai se quiser

Os cotados

Nem todos os ministros escolhidos por Sarney desfrutam hoje da confiança do presidente. Alguns são considerados "empedidos", pela incompetência, e outros são classificados, simplesmente, de burocratas. Esta classificação, feita recentemente pelo presidente Sarney, envolve mais de um ministro e Sarney preferiria, por esta razão, que houvesse uma renúncia coletiva para melhor acomodar seu gabinete.

Entre os menos cotados para permanecer na Esplanada dos Ministérios encontram-se José Hugo Castelo Branco, da Indústria e do Comércio; Dante de Oliveira, da Reforma Agrária; Iris Rezende, da Agricultura; e Jorge Bornhausen, da Educação. Há outros sobre os quais não há qualquer manifestação sobre o desempenho pessoal, entre eles, Roberto Santos, da Saúde (mas deve sair, em decorrência do episódio envolvendo a esposa do líder do governo na Câmara, Carlos Santana, afastada do cargo por Roberto Santos); Deni Schwartz, do Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente, e Renato Archer, da Ciência e Tecnologia.

Continuam com boa cotação junto ao presidente da República, o chefe do Gabinete Civil, Marco Maciel, que só sai se quiser; Paulo Brossard, da Justiça, enquadrado no mesmo caso; Vicente Fialho, da Irrigação, e José Reinaldo Tavares, dos Transportes, amigo e confidente de Sarney. Costa Couto conquistou a simpatia do presidente, mas nenhum dos assessores de Sarney arrisca qualquer previsão. E o titular da Secretaria Especial de Ação Comunitária, cuja estrela sobe, deve ocupar uma pasta, por reivindicação feita pelo governador de Minas Gerais, Newton Cardoso. Antes do carnaval, ele foi sondado para a Seplan.

A grande incógnita continua sendo o ministro da Fazenda, Dilton Funaro. Por questões pessoais, Sarney prefere mantê-lo, mas tudo depende das pressões que já começaram a se fazer sentir pelo presidente, desde as eleições de 15 de novembro (Memélia Moreira)